

**OS NOVOS TRUNFOS DA ESQUERDA MUNDIAL  
APÓS O DESMANTELAMENTO DO  
“SOCIALISMO” STALINIANO**

**PARTE II**

**IMRE MARTON**

**JOÃO QUARTIM DE MORAES**  
**(Introdução e Revisão)**  
Departamento de Filosofia  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Estadual de Campinas

**PEDRO SCURO NETO**  
**(Tradução)**

**textos Didáticos**  
**nº 30 - SETEMBRO DE 1997**

## **TEXTOS DIDÁTICOS**

IFCH/UNICAMP

Setor de Publicações

Caixa Postal: 6110

CEP: 13081-970 - Campinas - SP

Tel. (019) 788.8342 - Fax: (019) 239.33.27

**SOLICITA-SE PERMUTA  
EXCHANGE DESIRED**

**Diretor:** Prof. Dr. Paulo Miceli

**Diretor Associado:** Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rêgo

### **Comissão de Publicações:**

Prof<sup>a</sup> Amneris Angela Maroni - DCP, Prof<sup>a</sup> Ana Maria Niemeyer - DA,  
Prof. Italo A. Tronca - DH, Prof. Márcio Bilharinho Naves - DS, Prof.  
Oswaldo Giacóia Jr. - DF e Prof. Rubem Murilo Leão Rêgo (Coordenador).

### **Setor de Publicações:**

Marilza A. da Silva, Elizabeth S. S. Oliveira e Magali Mendes

### **Gráfica**

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Luiz Antonio dos Santos, José  
Carlos Diana e Leontina Marques Segantini.

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão

IFCH/UNICAMP

# Introdução\*

JOÃO QUARTIM DE MORAES

A II Parte do estudo de Imre Marton contém uma análise histórica da experiência nacional húngara e uma tentativa sintética de formular propostas de refundação da esquerda mundial. Concluído em abril de 1990, o trabalho reflete as circunstâncias daquele momento: ao leitor atento da I Parte certamente não terá escapado que Marton apresenta como inelutável o recuo para o mercado como condição para a retomada da perspectiva socialista. Certamente tratava-se, em seu espírito, de aplicar o adágio francês “reculer pour mieux sauter”. Ainda assim, percebe-se como, naquele momento, mesmo para velhos lutadores como Marton, a

---

\* As notas explicativas são de minha autoria (JQM), salvo a n° 1, de autoria de Pedro Scuro. As referências bibliográficas, algumas incompletas, estão no texto original.

perspectiva do socialismo e portanto da emancipação da Humanidade estava no mais baixo ponto do horizonte histórico.

O auge da vaga neoliberal no Leste durou pouco, porém. A perplexidade da imprensa estadunidense (e portanto da brasileira que se limita a macaquear aquela<sup>1</sup>) diante da rapidez com que o corpo eleitoral da Lituânia, da Polônia, da Bulgária e, logo depois, da Hungria criou anticorpos contra o vírus reacionário da “globalização” é divertidamente instrutiva. Assim, o semanário *Newsweek* (menos exacerbadamente imperialista que *Time*) de 9 de maio de 1994 procurava explicar a previsível vitória do Partido

---

<sup>1</sup> No mais das vezes, nem a macaquear chegam. Apenas traduzem (também no mais das vezes mal e porcamente). Um exemplo entre centenas de outros de como pode ir longe na tolice o jornalismo anticomunista está no *Caderno de Turismo* de 27 de julho de 1995 da *Folha de São Paulo*. Um artigo traduzido de *The New York Times* anuncia no título que a “Hungria recupera a tradição de seus cafês”, explicando, no sub-título: “Fim do comunismo trouxe casas históricas de volta”. Quais? Das três cafeterias que o artigo menciona, a mais importante, a *Gerbeaud*, nunca foi fechada. A *Ruszwurm*, “instalada desde 1826 e reformada em 1960” (em pleno regime comunista, esquece-se de salientar o jornal) “era tão pequena que não passou para as mãos do Estado durante a era comunista”. O motivo alegado para a não-estatização é constrangedoramente tolo. Com efeito, se o fato de uma empresa ser pequena garantisse que não seria coletivizada, o bloco soviético e seus aliados não teriam cometido aquele que foi um de seus erros econômicos mais óbvios: inibir a iniciativa independente dos pequenos produtores e prestadores de serviços. Ainda que tolo não fosse, confirmaria a mentira da jornalista estadunidense (uma certa Florence Fabricant) retomada por seu colega brasileiro. Enfim, a terceira das cafeterias mencionadas no artigo, o *Café New York*, foi transformado em restaurante, o que não chega a ser um fechamento. Também tiraram o nome New York, restabelecendo-o em 1989. A rigor, portanto, todas as casas mencionadas pela jornalista atravessaram incólumes o regime comunista. Mais incólume ainda, infelizmente, tem permanecido o hábito da falsificação dos fatos os mais triviais pelos sicofantas e plumitivos do neoliberalismo.

Socialista Húngaro (PSH) nas eleições gerais com um singelo argumento: “O fato de que os eleitores húngaros podem estar querendo o retorno dos antigos comunistas ao poder tem algo a ver com o fato de que o comunismo de gulash da Hungria (a expressão é de Nikita Khrushchev) foi provavelmente o menos repressivo da Europa do Leste”. Será? Ao que consta, a intervenção soviética de 1956 constituiu a maior violência ocorrida durante as quatro décadas de duração das chamadas democracias populares do Leste europeu.

Longe de constituir exceção, a vitória da esquerda húngara em maio de 1994 foi a quarta de uma série que começara na Lituânia e prosseguira nas eleições legislativas búlgaras e nas polonesas de setembro 1993. O PSH obteve 208 das 386 cadeiras do Parlamento, correspondendo a 54% dos sufrágios. Em segundo lugar, a Aliança de Democratas Livres obteve 75 cadeiras correspondendo a 19% dos sufrágios. O Forum Democrático, bloco de direita que triunfara nas eleições de 1990, sofreu forte rejeição por parte da maioria dos que se haviam deixado iludir pela impostura neoliberal: obteve apenas 9% dos votos.

De qualquer modo, o fenômeno que um ano e meio mais tarde, comentando a vitória de Aleksander Kwasniewski sobre o reacionário Lech Walesa<sup>2</sup> nas eleições presidenciais polonesas, o citado semanário *Newsweek* (de 4 de dezembro de 1995) chamou de “Red Renaissance” correspondeu a uma tendência geral (embora

---

<sup>2</sup> Na presidência, coerente com suas simpatias clérico-fascistas, Walesa havia logrado impor, em fevereiro de 1993, uma legislação anti-aborto truculentamente repressiva, abolindo as leis avançadas adotadas pelos comunistas.

não isenta de ambigüidades e de alguns retrocessos) das antigas democracias populares do Leste europeu. Com efeito, três semanas depois, os comunistas russos alcançaram notável vitória nas eleições legislativas de 17 de dezembro de 1995. Seis meses mais tarde, foi necessária uma vasta frente do centro e da direita agitando o espectro do retorno do comunismo para garantir a reeleição do reacionário etílico Boris Ieltsin para a presidência da Federação Russa. Obteve no 2º turno das eleições presidenciais, em julho de 1966, 56% dos sufrágios. Cerca de 40% dos cidadãos russos, entretanto, votaram em Guennádiy Ziugánov, principal dirigente daquele mesmo comunismo que os sicofantas neoliberais haviam declarado morto e enterrado.

Vale pois insistir: lúcidas e corajosas no momento em que foram formuladas, as teses de Marton trazem a marca do golpe contundente que haviam acabado de sofrer, naqueles primeiros meses de 1990, os comunistas do Leste europeu. A perspectiva revolucionária, entorpecida pelas mazelas do *Sorex*, parecia muito mais distante e fragilizada do que nos aparece hoje, sete anos depois. Por isso mesmo, por ter sido reiterada do fundo do desalento, a esperança para a qual aponta o depoimento de Marton constitui uma bela expressão da confiança na capacidade humana de superar a barbárie.

# **Os Novos Trunfos da Esquerda Mundial após o desmantelamento do “socialismo” staliniano**

## **Parte II**

**IMRE MARTON**

### **Perspectivas de renovação de um bloco de esquerda após a mudança da natureza do regime na Hungria**

Entender as tentativas de reforma remete, na Hungria, a uma longa tradição de reflexões sobre o dramático destino e as maldições históricas que pesam há séculos sobre o povo húngaro, que procura, de uma parte, manter sua identidade, sua independência, mesmo sua existência como nação, face ao expansionismo

de turcos, austríacos, alemães e russos, à hostilidade das minorias nacionais ao tempo da supremacia húngara nos quadros do reino da Hungria ou, depois da Primeira Guerra Mundial, nos Estados limítrofes onde vivem fortes minorias húngaras. Por outro lado, há os problemas relativos ao modo de eliminar o atraso do país em relação à Europa ocidental. Ou seja, como se tornar europeu sem deixar de ser húngaro?

Ao longo dos últimos duzentos anos, em particular depois do compromisso assinado em 1867 com a Casa d'Áustria, uma característica essencial da vida política e da ideologia é o corte, o divórcio entre as exigências da independência nacional e as da democracia, desvelando duas vias principais:

A primeira é a via da preservação da supremacia húngara sobre as minorias, da integridade territorial, da rejeição dos ideais democráticos, tidos como viciando o espírito, a alma húngara. Tal opção corresponde aos interesses de classe da oligarquia fundiária, das diferentes camadas da nobreza e aos interesses, reais ou ilusórios, das amplas camadas que usufruem de vantagens em relação às minorias e que são levadas, após o desmembramento do território, à exasperação, em benefício das grandes potências e países vizinhos que se beneficiaram com o Tratado de Trianon.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Em seguida à derrota da Comuna Húngara por tropas de intervenção romenas e a uma série de governos instáveis, um tratado foi assinado no Grand Trianon de Versalhes (4 de junho de 1920), reduzindo grandemente o território e a população da Hungria, além de impor restrições às suas forças

Illyès Gyula menciona um autor de origem romena que mais ou menos nessa época caracterizava os húngaros da seguinte maneira:

“Pensando bem, mesmo ao tempo do seu esplendor, eles estiveram sempre sozinhos no meio da Europa, isolados na sua altivez e nos seus lamentos, sem afinidades profundas com as outras nações [...] Há, nesses mongóis refinados, uma melancolia feita de crueldade reprimida da qual não encontramos equivalente em nenhum outro lugar [...]. Confesso ter inveja da arrogância desses nossos vizinhos (sem ela, teriam eles empunhado as armas?). Invejo até sua língua feroz entre todas, de uma beleza que nada tem de humano, com a sonoridade de um outro universo, de uma saúde corrosiva, adaptada à prece, aos rugidos, aos prantos surgidos do inferno para perpetuar a entonação e a estridência [...] é como húngaro que se deveria expirar ou então, renunciar à morte”.

A outra via é a percorrida pelos liberais e os radicais de esquerda que preconizam a justiça social, a igualdade das oportunidades, a emancipação humana e social, os valores democráticos, o internacionalismo, a modernização, uma Hungria europeia. Durante os séculos XIX e XX, encontramos as mesmas preocupações na literatura húngara, nos confrontos políticos, filosóficos e sociológicos. Os projetos de reforma do conde Széchenyi, nos anos trinta e quarenta do século passado, os poemas de Petöfi e de Ady, os escritos dos filósofos e sociólogos dos círculos radicais do começo do

---

armadas, deixando, todavia, em suspenso suas reparações de guerra (Nota de Pedro Scuro).

*Imre Marton*

século mostram notáveis convergências. Todos incitaram seu povo a galgar cumes cada vez mais altos, embora temendo que ele acabasse caindo dentro de precipícios cada vez mais profundos. Uma maldição pesaria sobre a história de nosso povo<sup>2</sup>.

### **Testemunho dos poetas<sup>3</sup>**

Vörösmàrty:

“Que moinho infernal tritura tais soluços?  
Que loucas mãos no céu ocultas  
Martelam-lhe a abóboda? Um arcanjo negro?  
Um exército vencido em busca de esperança?  
Toca, aproveita, mais depressa, mais forte.  
Amanhã a madeira de teu arco estará morta.  
No coração a mágoa, no copo a embriaguês!  
Vai em frente, Cigana, que morra a tristeza!

---

<sup>2</sup> O povo húngaro, evidentemente.

<sup>3</sup> Este subtítulo (Testemunho dos poetas) é de nossa autoria. As três citações literárias que seguem estão em francês no original de Marton. Não sabemos se foi o próprio Marton quem as traduziu do húngaro. Traduzimos para o português tão literalmente quanto possível.

Ady, "Visão no pântano":

"Vão durar muito, vão ainda manter-se muito tempo  
O velho destino, a velha maldição?  
(...) Não quero morrer encolerizado  
Meu arco tenso e retido  
Sem esperança, no luto negro,  
Com um coração negro.  
Levanta-te, ó, levanta-te, Sol sagrado, Sol vermelho!"

Pulep Lajos, "Sobre Ady, filósofo e historiador da arte"  
(artigo publicado em 1906):

"Doravante, avançamos a seu lado, sob tórridos sóis, olhando o céu puro e tropeçando em montículos de terra, esfolados pelos espinhos, caindo mil vezes, cobertos de sangue, perdidos em areias movediças, ávidos de um pouco de amor, privados de lar, sem no entanto ser estrangeiros, incapazes de encontrar nosso repouso, aqui ou lá, entre Oriente e Ocidente, em toda parte nesta terra" (*Arion*, p. 49, n° 10).

### **Entre o racismo e o humanismo**

As teorias racistas, a discriminação racial eram armas privilegiadas. Exaltava-se a pureza da raça húngara que incorporava uma solidariedade ativa e salutar face aos elementos estrangeiros que negavam e pervertiam os valores autênticos da alma húngara. A raça se enraizava na terra, no camponês, na nobreza rural. As aspirações a uma modernização capitalista, à democratização, à

justiça social eram estranhas e transmitidas por estranhos à raça húngara, se bem que súditos húngaros: judeus, operários alemães, checos, maçons, socialistas. Distinguir-se-á entre húngaros autênticos e húngaros assimilados, húngaros consistentes e húngaros inconsistentes, húngaros enraizados e húngaros sem raízes, os intelectuais saídos do mundo rural, que permaneciam fiéis, ligados aos valores tradicionais camponeses.

Bajcsy Zsilinsky Endre, que foi executado pelos nazistas por ter sido um dos dirigentes mais valorosos na luta contra os alemães, ainda escrevia, antes da guerra: “Pessoalmente não vejo uma minoria oprimida neste país, a não ser os húngaros”.

No final dos anos trinta, escritos polêmicos opõem os representantes das concepções humanistas e das concepções racistas. Discute-se o que significa ser húngaro, quem é húngaro. Quais são seus traços mais característicos? Segundo o poeta Babits a apatia, a inércia, a recusa de se engajar. “Para eles, a missão é a oposição e a resistência passiva”. A apreciação proposta por um autor de grande celebridade nos anos trinta, Dezsö Szàbo na obra *Rumo às profundidades da mina* conserva atualidade para parcela não pequena de nossos concidadãos:

“O traço negativo fundamental dos húngaros é o niilismo, devido ao fato de que o húngaro médio é filho do “hic et nunc” absoluto... Que espera o húngaro do destino? Que hoje nada venha perturbar minha existência, que o teto não despenque sobre minha cabeça. Que hoje ainda, eu desfrute do pão, do

prestígio, da riqueza. No passado, sempre nos ajeitamos de um modo ou de outro. Para o futuro: as coisas vão ocorrer como ocorrerão”.

Depois da I Guerra Mundial, depois da queda da República dos Conselhos e do desmembramento territorial imposto pelo Tratado de Trianon (a Hungria perdeu dois terços de seu território e mais da metade de sua população), as correntes mais retrógradas mobilizaram a opinião pública em favor da modificação das fronteiras, da recuperação dos territórios perdidos (nas salas de aula recitava-se: “a pequena Hungria não é um país; a grande Hungria é o Paraíso”). Prega-se a superioridade dos húngaros, da raça húngara sobre os eslavos e os romenos. Os sentimentos de humilhação nacional se transformaram em desespero, em agressividade, em desejo de revanche, graças a uma reaproximação, uma aliança com a Alemanha hitlerista.

Entre esses dois eixos principais se destacam e se reforçam duas correntes que parecem subalternas, mas que desfrutam de força atrativa cada vez maior, se bem que sua composição seja heteróclita. Uma é sobretudo centrada na massa camponesa, no mundo rural, nas camadas deserdadas de camponeses ou de pequenos e médios proprietários às voltas com os senhores feudais e seus agentes e com as redes comerciais e financeiras dominadas pela cidade onde se afirma, nesse particular, uma preponderância dos judeus. Os representantes dessa corrente, por seus escritos e sua atividade marcaram profundamente a nova geração de intelec-

*Imre Marton*

tuais surgidos do mundo rural ou os jovens talentosos em busca de ascensão.

A essa corrente populista dos *népies* (o termo tem conotação diferente de *nép*, que significa povo: os *népies* são o povo próximo da terra, da gleba, por oposição não hostil, mas com muitas reservas em relação ao povo das cidades, dos urbanizados) devemos romances, análises profundas, ricas de valor científico e literário, uma sociografia deslumbrante do mundo camponês, uma nova abordagem sociológica da sociedade húngara (as obras de Ferenc Erdéi). Os *népies* oscilam entre os ideais do movimento socialista e determinadas teses formuladas por ideologias nacionalistas e racistas, sempre evitando cair nos desvios do racismo e da patriotice.

Outra tendência intermediária foi inspirada no liberalismo francês e inglês, baseado no desenvolvimento capitalista e na autonomia cada vez mais pronunciada da sociedade civil em relação à sociedade política, num regime democrático.

István Bibó (1911-1979), politólogo que no curso das duas últimas décadas influenciou profundamente o pensamento político e sociológico das correntes reformadoras, tinha já, em obras escritas antes do fim da II Guerra Mundial, oferecido uma rica interpretação cheia de nuances acerca do divórcio entre a reivindicação nacionalista e a da transformação democrática da Hungria, trazendo à luz o pano de fundo histórico e sociológico da mentalidade húngara e suas afinidades políticas e ideológicas.

Bibo descreveu as diferenças que marcaram a formação dos Estados-nações na Europa ocidental e na Europa do Leste. Na França, por exemplo, a monarquia e a nobreza colaboraram para montar o quadro da existência nacional. Ao substituí-los, o *terceiro estado* herdou “um aparelho de Estado, uma cultura política homogênea, uma organização econômica constituída e apurada, uma capital, uma elite intelectual”<sup>4</sup>. De seu lado, as comunidades européias do Leste se viram na necessidade de criar, tão logo aspiraram a se constituir em nação, um quadro estatal, de vez que depois das catástrofes políticas, da insurreição da segunda servidão, sua evolução no sentido de um estado nacional e do capitalismo foi bloqueada, pervertida.

A lista dos traumatismos, das maldições, antes e depois de 1945, é bem longa. Lembremo-nos da invasão dos tártaros, dos turcos, seguidas pelo desmembramento do reino húngaro em três partes. A Hungria, para se libertar dos turcos, teve de aceitar a tutela dos Habsburgo. A revolução de 1848 foi esmagada pelos austríacos e russos. Em 1867, o Compromisso preserva a hegemonia da Áustria sobre a Hungria e a dos húngaros sobre as três minorias nacionais nos territórios do reino húngaro. Magnatas, fidalgos e oficiais, visando manter seus privilégios de casta, impediram a penetração do capitalismo no campo e nas cidades. Esta é uma das razões pelas quais se opuseram ao regime democrático. Outra razão se referia a suas intenções de conter as aspirações autono-

---

<sup>4</sup> *Misère des petits Etats d'Europe de l'Est*, Paris, L'Harmattan, 1986, p. 34.

tas das minorias. A extensão dos direitos, o sufrágio universal teriam favorecido as minorias nacionais cujos efetivos superavam os dos húngaros. A democracia apresentou-se como um perigo maior e seus partidários foram considerados como artesãos do desmembramento do território húngaro.

Nestas condições afirma-se e se torna mesmo preponderante entre as massas populares uma corrente que Bibó designa como “nacionalismo antidemocrático”. Bibó estabelece uma correspondência entre este nacionalismo antidemocrático e a histeria política: alimentam-se mutuamente.

“Não se pode aproveitar dos benefícios da democracia num clima de medo convulsivo que faz pensar que os progressos da liberdade comprometem a causa da nação. *Ser democrata é estar liberado do medo*, não temer aqueles que professam opiniões diferentes, não temer a revolução, as conspirações, as astúcias do inimigo, sua propaganda, e em geral, todos os perigos imaginários engendrados pelo medo (...). Num clima generalizado de medo e de ameaças, o estado de exceção que as verdadeiras democracias só instauram no momento do *perigo*, torna-se a regra: suspendem-se as liberdades públicas, a censura funciona, começa a caça aos “traidores”, aos “mercenários a soldo do inimigo”, a manutenção da ordem a qualquer preço, mesmo se ela for apenas aparente e a imposição da unidade nacional às custas da liberdade.”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> *ib.*, p. 166.

Emmanuel Terray, em suas reflexões sobre os ensaios de Bibo, resume com fidelidade e concisão a noção de histeria política. Começa citando Bibo:

“O homem que, assustado, recua diante da tarefa a empreender, mas se torna fanfarrão e agressivo para desviar a atenção de seu próprio medo, constitui o modelo de certos comportamentos comunitários. Mas isto não significa que a comunidade tenha uma alma como o indivíduo. (...) O processo comunitário adiciona e estrutura as reações individuais, o que implica um maior número de combinações possíveis”.

Comentando este texto, pergunta quais são os sintomas da histeria política. “Primeiro, a lembrança do traumatismo inicial torna-se dominante na memória coletiva; toda a vida social nela se fixa e em torno dela se organiza”. Quando surge um obstáculo, então, como notou Bibo:

“A comunidade se refugia numa... solução ilusória, inventando uma fórmula ou compromisso para conciliar o inconciliável, evitando cuidadosamente as forças que na realidade opõem-se à solução e que seria preciso combater para atingi-la.”<sup>6</sup>

Assim, a comunidade mantém uma relação cada vez mais falsa com o real. Parte não mais do que existe e do que é possível, mas de seus desejos e fantasmas; nutre-se não mais de recursos próprios, mas de seus temores e recriminações face ao mundo exte-

---

<sup>6</sup> ib., p. 22.

*Imre Marton*

rior. A comunidade histórica sofre de uma hipertrofia autoavaliativa, combinada a grande fragilidade interior... A comunidade histórica tende a tornar mais opaca a cortina que a separa da realidade”<sup>7</sup>.

### **Os partidos políticos nas eleições de 1990**

Se insisti nas correntes ideológicas e políticas que marcaram a sociedade húngara ao longo dos dois últimos séculos (ressaltado o caráter demasiado elementar e fragmentário de minha exposição) foi para melhor sensibilizar o leitor para as reações das massas populares às mudanças ocorridas após 1945, de 1945 a 1948, de 1948 a 1956, nas diferentes fases do período de Kadar, bem como para os temas político-ideológicos enfatizados pelas formações políticas durante a campanha eleitoral. É para trazer elementos de resposta às questões levantadas pelos resultados eleitorais, pela alta taxa de abstenção no segundo turno e pelas reticências e esperanças dos grupos sociais face à coligação governamental que se formará proximamente<sup>8</sup>. As correntes ideológicas e políticas que mencionei ressurgiram em diversas dosagens, sob formas atenua-

---

<sup>7</sup> Cf. Terray, *ib.*, p. 43.

<sup>8</sup> Vale lembrar que Marton datou o texto de abril 1990, logo após a vitória eleitoral do chamado Foro Democrático, nos fatos um partido neoliberal reacionário.

das e modificadas, combinando-se, de resto, nos programas das diversas formações políticas.

Não encontramos partidos políticos reivindicando abertamente ser continuadores da ideologia defendida pelos representantes das classes sociais retrógradas dominantes até 1945. A corrente dos *népies* e a liberal paulatinamente voltaram à cena política desde então, porém os valores e programas que passaram a proclamar levaram em conta as mudanças ocorridas no mundo e na sociedade húngara durante quatro décadas.

Todavia, o *Foro Democrático* encontrou grande audiência, fazendo vibrar ao mesmo tempo os acordes dos valores tradicionais e os mais modernos, acentuando, sob formas atenuadas, aspirações nacionalistas e conservadoras, sem ofuscar os partidários de uma modernização baseada no respeito às liberdades democráticas, da economia de mercado, da autonomia da sociedade civil, dos princípios da ordem e da tolerância. Seu denominador comum foi a rejeição, a condenação do regime stalinista, a negação de qualquer elemento, mesmo positivo, das últimas quatro décadas. Numerosas influências se entrecruzaram no seio do *Foro*, desde as correntes de esquerda às de extrema direita.

A *Aliança dos Democratas*, por outro lado, vincula-se de forma mais aberta à tendência liberal. Deseja fundir a sociedade húngara no cadinho dos países capitalistas desenvolvidos, acelerar o processo de modernização, rompendo radicalmente com todo espírito provinciano. A *Aliança* agrupa uma parte importante dos

intelectuais mais europeizados, mais dotados. É um partido de oposição autêntica, que faz um jogo inteligente. Por intermédio dos intelectuais, dos especialistas, pretende irradiar-se em escala nacional e local, contando com o prestígio de seus candidatos.

No entanto, um *terceiro figurante* afirmou-se mais e mais no cenário de vida política. É o *Partido independente dos pequenos proprietários e dos pequeno-burgueses* que se dizem os verdadeiros herdeiros do *Partido dos Pequenos Proprietários*, que teve um papel progressista nos últimos anos antes e durante a II Guerra e que, por ocasião das eleições de 1945, obteve a maioria dos votos (60%). Esse novo partido multiplicou seus adeptos no campo, exigindo uma reforma agrária segundo o cadastro de 1947. Desse modo, os camponeses deixariam as cooperativas e se tornariam proprietários de terras que poderiam legar a seus legítimos herdeiros. Esses últimos, se bem que de maneira alguma atraídos pela vida campestre, sentiram-se atraídos pela possibilidade de especulação imobiliária. Essa palavra de ordem afetou mesmo parte não negligenciável dos assalariados que antes exerciam atividades agrícolas e que ainda tinham laços orgânicos com o mundo camponês, através de suas famílias, uma vez que cerca de 50 por cento dos assalariados na Hungria ainda moram e trabalham em zonas não urbanas ou então diuturnamente trocam o campo pela cidade.

Esse partido poderia vir a tornar-se um fator de desestabilização da vida econômica, política e ideológica. A especulação fundiária pode revelar-se mais lucrativa que a produção agrícola, em

detrimento do abastecimento das cidades. Confrontos entre camponeses poderiam tornar-se mais agudos por ocasião do desmembramento da propriedade coletiva, uma vez que se apresentasse um quadro onde a questão seria saber quem ficaria com as terras melhores e as de mais fácil acesso. Sem excluir, ademais, a possibilidade de reativação da hostilidade entre as famílias, entre as camadas pobres, médias e ricas do campesinato. Não se deve esquecer que, por ocasião da reforma agrária de 1945, cerca de 283.000 camponeses sem terra não tiveram acesso à propriedade da terra porque não havia glebas disponíveis em quantidade suficiente. Em 1947, havia 750 mil propriedades agrícolas com menos de cinco *arpentes* (cerca de três hectares).

O partido dos pequenos proprietários especula com o desejo do camponês por terras, com a ambição do ganho fácil dos futuros herdeiros, com as contradições entre a indústria e a agricultura, entre a cidade e o campo, entre os produtores e as redes de comercialização.

O único partido a proclamar em seu programa a possibilidade de reforma do regime de Kadar, preservando os valores do movimento comunista, o Partido Socialista Operário Húngaro obteve quatro por cento dos votos. Enquanto na cidade e nos meios assalariados alimentavam-se ilusões com o modelo sueco e no campo sonhava-se com o modelo dinamarquês, os resultados eleitorais demonstraram que a imensa maioria dos eleitores (96%) rejeitava o regime imposto desde 1948.

Tal rejeição exprimiu os traumas causados pela virada de 1946, de uma democracia popular transfigurada em ditadura do proletariado. Seguiram-se o esmagamento, pelas tropas soviéticas, do levante de 1956 e a política de não intervenção das potências ocidentais. A intervenção de 1968 na Tchecoslováquia – causando uma interrupção no processo de reforma econômica – e o aprofundamento da crise durante os anos 80, levaram à perda da legitimidade e credibilidade do regime.

Depois do segundo turno, três grandes blocos político-ideológicos emergiram: o bloco abrangendo o Foro Democrático, o Partido dos Pequenos Proprietários e o Partido Democrata-Cristão, o bloco que vai da Aliança dos Democratas Livres ao Partido Socialista Húngaro, e o bloco dos abstencionistas. Cada bloco tem uma composição heteróclita e cada força abriga no seu seio frações ou tendências diversas. Um bloco não é uma aliança, mas uma divisão objetiva motivando aproximações e confrontos de ordem tática, ou mesmo de ordem estratégica.

A estruturação política não corresponde à estratificação social, que por sua vez não é essencialmente determinada por relações de propriedade, mas sim por um conjunto de fatores: posição na divisão do trabalho, pertencer a aglomerações urbanas, rurais, de importância desigual; nível de escolarização, estatuto social (função no aparelho político, econômico ou cultural); fontes de renda; enfim, modalidades de reprodução de desigualdades de toda ordem. A grande maioria da população ativa pertence a um tipo

original de classe média, com seus estratos inferior, médio e superior. A camada pobre engloba antes de mais nada os aposentados e as famílias numerosas. Perfaz cerca de 20% da população (o piso do mínimo vital é uma renda de 4.300 florins por cada membro da família, enquanto o salário médio ultrapassa 7 mil).

O fato de que a revolução na Hungria tenha sido pacífica explica-se por não haver completa correspondência entre a situação material real dos trabalhadores ativos e a sua percepção social. É incontestável que os salários reais estão perdendo seu valor e que é preciso despende cada vez mais esforço e tempo para compensar a queda do poder de compra. Além do mais, a incerteza do dia de amanhã se confirma na inflação, no fechamento de fábricas, nas convulsões que se produzem em torno de nós. Mesmo assim, entre 1980 e 1987, em plena crise, a quantidade de veículos particulares quase dobrou, passando de 978.000 a 1.619.000. No princípio dos anos 80, poucas famílias tinham um televisor em cores, ao passo que hoje ao menos uma em cada três tem um. Em 1980, 425 mil húngaros foram a um país ocidental na qualidade de turistas; o número chegou a um milhão em 1989. O consumo de carne *per capita* passou, durante a década, de 72 para 78kg por ano.

O caráter pacífico da mudança do regime é consequência das concessões feitas às reivindicações dos partidos de oposição e dos reformadores no seio do partido comunista. Depois da conferência nacional do partido, realizada em maio de 1988, foram desativadas a maior parte das bombas políticas carregadas de explosivos acu-

mulados pelas grandes exasperações: reinterpretação dos acontecimentos de 1956, proclamação do 15 de março como feriado nacional<sup>9</sup>, reconhecimento do pluralismo partidário, dissolução da milícia operária, regulamentação da polícia política. As igrejas recuperaram inteira autonomia, além de um certo número de seus estabelecimentos escolares. Passou a haver total liberdade de associação e de imprensa. O partido no poder acelerou sua decomposição, o governo distanciou-se do partido. Tudo foi feito de modo a permitir que o poder passasse às mãos da oposição nas condições mais pacíficas possíveis. Apenas o destino da minoria húngara que vive na Eslováquia e sobretudo na Transilvânia galvaniza as apreensões e as exasperações.

A vitória eleitoral do Foro Democrático repousa sobre bases movediças e instáveis. Sua direção terá de enfrentar parceiros que querem modificar-lhe o curso, fazendo-o escorregar no rumo de posições de direita, reativando em parte as tradições do nacionalismo antidemocrático, ainda que as bases econômicas e sociais tenham se modificado radicalmente durante o período que vai de 1867 a 1945. A histeria política a que nos referimos a propósito das análises de Bibó, só pode render dividendos por pouco tempo. A direção do Foro terá, cedo ou tarde, que fazer face a uma tendência que

---

<sup>9</sup> A 15 de março de 1848 os patriotas húngaros desencadearam uma revolta contra a dominação do Império Austríaco. As autoridades comunistas não permitiam a comemoração desta data pelo dogmático pretexto de que exprimia nacionalismo pequeno-burguês. Em 1988, mais de 10.000 manifestantes comemoraram a data nas ruas de Budapeste.

priorizaria uma coalizão com a Aliança dos Democratas Livres para estabilizar um regime democrático autêntico e também para evitar uma reaproximação tática entre a própria Aliança, o PSH e o Partido Social-Democrata. No primeiro turno mais de um quinto dos eleitores deram seu aval a formações de esquerda e centro-esquerda, sem contar o apoio dos sindicatos, uma força que pesa ou poderá pesar bastante no processo político.

A alta taxa de abstenção no segundo turno é preocupante para todos os partidos. Significa que estamos diante de uma “revolução cansada, pessimista”, mesmo na sua primeira fase. As pessoas, uma parte delas ao menos, estavam desiludidas, não tinham confiança nos partidos políticos, ainda menos nos dirigentes que suspeitavam estar preocupados mais com suas ambições pessoais do que com o destino da nação. Durante o período de transição, as negociações entre os partidos dominaram a cena política e deixaram ao abandono a sociedade, sem dar respostas às questões vitais, preocupantes.

A abstenção exprime a desconfiança da massa rural em relação à cidade, aos intelectuais. Não se acreditava mais nas promessas dos partidos de oposição, nem nas das potências ocidentais. O aqui e agora predominava nas mentalidades que, voltadas para si mesmas, revigoravam um individualismo selvagem. Entre os abstencionistas houve quem considerasse os partidos que disputaram o segundo turno como não sendo suficientemente de esquerda ou de direita ou não quisesse favorecer nenhum deles na partilha das

vagas. Não o fervor, mas um desiludido esperar para ver caracteriza grande parte dos que estão ligados a um partido sem contudo com ele se identificarem inteiramente, ou então oscilam, flutuam, entre formações que mal sabem distinguir umas das outras. Vencerão as próximas batalhas políticas aqueles que forem capazes de conquistar o apoio dos eleitores que se abstiveram no 2º turno.

“O dismantelamento do sistema stalinista constitui um desafio para os partidos socialistas, para a Internacional Socialista nos anos vindouros. O papel da social-democracia pode ser o de contribuir para a elaboração de uma mudança estratégica da esquerda mundial, de comum acordo com todas as outras correntes que pretendem regular e infletir até certos limites a lógica do capitalismo e suas incidências perniciosas.

Na Europa, em particular, a social-democracia precisa formular uma solução original para as modalidades de inserção dos países do Leste na Comunidade européia. Mas qual pode ser a contribuição para evitar que esses países não vejam sua democratização desembocar em um totalitarismo de direita e a modernização em um processo de terceiro-mundialização? Poderá a social-democracia constituir o elemento mais flexível e mais hábil na salvaguarda da ordem mundial capitalista ou então o espaço de reagrupamento e convergência de todas as tendências interessadas em uma nova ordem mundial?

A social-democracia húngara poderia quem sabe obter a adesão da maioria dos sindicalistas, de uma parte considerável do

PSOH, adeptos dos valores tradicionais do movimento operário e dos reformadores comunistas favoráveis a uma certa social-democratização do partido. No sentido inverso, por ocasião de seu congresso, a social-democracia optou por uma orientação centrista de tendência neoliberal o que motivou a saída de um pequeno grupo de jovens favoráveis a uma orientação centrista tendendo para a esquerda.

As tergiversações da social-democracia e dos reformadores do PSOH trouxeram decomposição, desintegração e o esboroamento da esquerda húngara. O mesmo ocorre com o PSH, nascido do último congresso de outubro de 1989, que não chega a encontrar uma nova identidade, quando poderia ter construído desde o início uma aliança original com os novos movimentos sociais. Da sua parte, a social-democracia húngara se propõe a ocupar um terreno que já foi muito arado por outros partidos.

O Foro Democrático é certamente o mais habilitado a ser essa força política centrista que a social-democracia queria ter sido. O neoliberalismo já tem seu estado-maior, além de um impacto não negligenciável sobre a parte dos cidadãos que desejam uma ruptura rigorosa e violenta com o socialismo. Na fase de transição, todavia, o Foro não pode tornar-se uma força hegemônica, ou mesmo constituir-se em pólo de atração reunindo sob suas bandeiras a maioria dos assalariados e a pequena burguesia tradicional.

A esquerda húngara deverá conhecer nas próximas eleições uma severa derrota. Nem o partido social-democrata húngaro nem o PSH foram capazes de concentrar em torno de si ou no seu seio as amplas camadas da população cujos interesses não coincidem com a modernização neoliberal, nem tampouco com um retorno a um regime autoritário ligado a tradições reacionárias hortystas ou stalinistas.

A esquerda tirará talvez bons ensinamentos de um tal fracasso. De qualquer forma, deverá ter a coragem de expor-se às intempéries, sem pensar, no futuro próximo, num abrigo para se proteger, repensar a história do seu descrédito e elaborar um novo projeto para a sociedade”.<sup>10</sup>

### **Perspectivas para o renascimento da Esquerda húngara**

Quais são as perspectivas da esquerda na Hungria? Vivos debates e polêmicas se realizam sobre o que diferencia as correntes de esquerda e de direita, sobre a legitimidade da esquerda, sobre a correspondência ou incompatibilidade entre pertencer à esquerda e aderir à democracia. O filósofo Miklos Tamàs Gàspàr é o representante mais conhecido dos que denunciam o atrelamento da esquer-

---

<sup>10</sup> Todo o trecho entre aspas foi tirado do artigo “Os handicaps da social-democracia, in *Jornal das Eleições*, nº 11, fevereiro de 1990.

da à tradição filosófica iluminista, ao pensamento hegeliano, que preparou a formulação de uma visão de mundo, de uma corrente política e de um regime moldado segundo os ensinamentos de Marx e de Lênin, cuja realização se exprime no regime stalinista. Segundo ele, somente o liberalismo é compatível com os idéias e a prática da democracia. Ou seja, distanciar-se da Esquerda é distanciar-se do stalinismo.

Na propaganda dos partidos de oposição, tal concepção é reafirmada com energia. Silencia-se acerca desses serem precisamente os ideais e bandeiras da esquerda que, historicamente, estenderam os direitos democráticos a todos os cidadãos, obrigaram os conservadores a se aproximar dos liberais e estes de certos valores formulados pela social-democracia: por exemplo, oferecer correções às desigualdades e perversões engendradas pela economia de mercado, a fim de realizar um consenso entre o mundo do capital e o mundo do trabalho. Negam os grãos semeados pela esquerda, mas querem armazenar as colheitas das longas lutas empreendidas pela esquerda desde a Revolução Francesa. À negação absoluta do capitalismo proclamada pelo movimento comunista, respondem com a negação absoluta do socialismo e da esquerda. O stalinismo desacreditou o socialismo e a esquerda. É natural que na fase atual explorem contra nós as humilhações, os ódios e as decepções acumuladas.

Para retomar vida e vigor devemos e deveríamos já ter trocado o palácio bem abrigado pela choupana onde não estaremos tão

protegidos das tempestades. Quais são os perigos que nos esperam e que devemos evitar para não sermos obrigados a deixar a choupana e ir morar num gueto político? Como fazer face a esses riscos, para assegurar, nos anos por vir, o renascimento, o soerguimento de um bloco de esquerda que terá como objetivo um projeto social em favor da humanização e socialização do homem, a instauração de um novo quadro mundial, e, no quadro nacional, evitar o retorno de um nacionalismo antidemocrático, a uma histeria política levando necessariamente o país a um prolongado apodrecimento, à desagregação do tecido social, a um isolamento em relação à comunidade europeia, como se fôssemos leprosos em um mundo que se civiliza? Como barrar o caminho à reanimalização de nossa sociedade, onde as camadas de carentes irão ficar cada vez maiores?

Defender a prioridade dos interesses nacionais, mesmo se, provisoriamente, tal orientação não trazer retornos. Evitar toda demagogia social face aos que estão no poder. Exigir deles aquilo que historicamente está no terreno das possibilidades e aquilo que nós mesmos poderíamos realizar se estivéssemos no poder.

A defesa da democracia, mesmo se ela é burguesa, porque é o respeito às instituições democráticas, o espírito de tolerância, que constituem as condições prévias para a recuperação da Esquerda. A finalidade não é fazer crescer a todo preço o número de votos, mas sim contribuir para o aprendizado das massas na vida democrática, para tornar mais forte a sociedade civil. Numa situação de crise, a solução mais simples seria manter e acelerar o processo de

desestabilização. A tarefa histórica é trazer nossa contribuição, nossa participação para tirar o país do impasse.

Romper com a tradição politqueira de encorajar aproximações, alianças, com a segunda intenção de mais cedo ou mais tarde engabelar os parceiros. Em política não existe lua de mel, somente afinidades, interesses comuns a curto ou médio prazo e discordâncias. Trata-se, pois, de encontrar espaços de entendimento conflitivo.

Apegar-se às tradições nacionais, à sensibilidade nacional, sem cair no nacionalismo, ao qual devemos renunciar. (Por exemplo a denunciar o nacionalismo rumeno e silenciar acerca do nacionalismo húngaro).

Inserir-se no contexto mundial, resistindo ao máximo à subordinação aos pólos de poder. Acentuar nossas próprias condições de responsabilidade na exploração de nossas riquezas e possibilidades disponíveis.

Desfazer-se de toda tradição obreirista. Aprender a ser igualmente porta-voz dos intelectuais, não somente dos de renome, mas antes de mais nada daqueles que por sua atividade profissional têm por parceiros constantes os operários, os camponeses, os pais, os enfermos. A força do Foro Democrático foi ter obtido apoio dos intelectuais de província, aqueles que estiveram mais à mercê dos detentores do poder em nível local e regional.

O aprendizado de democracia deverá ser acompanhado de um novo militantismo, servir uma causa sem tornar-se serviçal

dela. Encorajar, trabalhar em favor de toda forma de solidariedade que contribua para criar uma comunhão entre os homens. Ter muitos amigos que respeitamos e nos respeitam, que se sentem próximos de nós.

A curto prazo seria melhor para a Esquerda húngara ou uma coalizão entre o Foro democrático e a Aliança dos democratas livres, para formar um governo estável, responsável, salvaguardar a democracia, ou uma aproximação da Aliança com o PSH e outras forças de esquerda. A estruturação social, o fortalecimento da sociedade civil, os valores e ideais da Esquerda histórica, o contexto internacional não deixam que tais aspirações sejam meras ilusões, na medida em que o próprio capitalismo as atrai e repele, simultaneamente.

A curto prazo, o perigo maior seria a implosão dos principais partidos, inclusive o PSH, o que tornaria a situação inextricável e provocaria toda sorte de crise governamental. A anarquia é o terreno mais favorável aos partidários da ordem, de uma ordem despótica.

O período de transição não pode limitar-se à eterna denúncia dos crimes, dos desvios acumulados nos últimos quarenta anos, mesmo porque o período Kadar teve fases que produziram conquistas ainda hoje atraentes. É preciso que o país saia do ramerrão, uma tarefa com a qual devemos todos nos comprometer.

## **A Nova Esquerda Mundial**

A esquerda precisa, em todos os países, redefinir sua natureza, seus componentes, suas fronteiras e as clivagens que a dividem.

1. Pertencem à Esquerda mundial o conjunto dos movimentos operários e sindicais, os movimentos de emancipação nacional, de renascimento nacional dos povos do Terceiro Mundo, as associações e tendências laicas e religiosas que denunciam e se opõem a toda forma de exploração, de alienação, de desigualdade, de discriminação, de degradação da vida cultural, científica e das conquistas sociais dos diferentes regimes do Oeste, do Sul e do Leste, os novos movimentos sociais, todos aqueles que recusam os regimes autoritários e os integristas, todos aqueles comprometidos com uma solução, um regulamento dos problemas mundiais através de uma nova disposição dos interesses maiores do conjunto da humanidade.

A Esquerda é uma frente ampla de concentração, um bloco não-homogêneo de fronteiras imprecisas e permeáveis. Ela se define em relação às correntes políticas e ideológicas, às finalidades e aos valores com os quais não se conforma.

2. A Esquerda se vincula a tradições, a valores comuns que são, de uma parte, função dos perigos que ameaçam o conjunto da humanidade e, de outra parte, função das especificidades cultu-

rais, religiosas, históricas, sociológicas das diferentes comunidades humanas. A Esquerda tem identidade com um porvir histórico, uma identidade que se remodela e se recompõe sem cessar.

3. A estratégia da Esquerda deve antes de mais nada definir-se a partir de uma abordagem mundial. A mundialização cria uma rede de interdependências ainda submetidas a relações de dominação e subordinação. A mundialização não é uma totalidade orgânica, mas são os desafios, os constrangimentos impostos pelos pólos maiores, que determinam em grande medida a margem de manobra dos fatores nacionais, cujo efeito de retorno sobre a cena mundial não pode ser negligenciado.

No estágio atual, a tarefa fundamental seria detectar as transformações e mutações que se impõem no mundo do Capital, no seu conjunto, nos seus pólos hegemônicos. Estudar as incidências sociológicas, culturais, políticas e sociais das mutações em curso para contribuir com respostas pertinentes, adequadas afim de que a Esquerda não defina objetivos indo contra a corrente dos acontecimentos.

Nessa perspectiva, seria preciso analisar com seriedade os efeitos do desmantelamento dos regimes dos países do Leste sobre o mundo ocidental e as respostas de ordem tática e estratégica que ele vai prever, propiciar, definir. Optar-se-á por uma estratégia de reequilíbrio em escala europeia e mundial ou por uma

ênfase na confrontação, visando a uma nova partilha do mundo? O curso que os acontecimentos tomarem na ex-União Soviética certamente será um fator determinante.

4. A Esquerda mundial não pode ficar passiva, aguardando o desfecho dos acontecimentos nos antigos países socialistas. Nossos destinos estão ligados. Não deixemos às forças reacionárias a iniciativa de explorar, de seu modo e de acordo com seus interesses, “o fracasso do socialismo” e “a derrota do comunismo”. Os países do Leste ofereceram à Esquerda novos trunfos, desembaraçando-a de uma herança atravancadora que a havia descreditoado. O desabamento dos regimes stalinistas não foi uma derrota para a Esquerda, mas será se não dermos suficiente atenção às novas aspirações das massas que desejam preservar os trunfos da Esquerda.

Stalinistas e neo-stalinistas não se situam à Esquerda; em numerosos países do Leste, aliás, fazem parte do bloco das forças mais nacionalistas, mais reacionárias, para travar o processo de democratização, a emergência de novos valores, as iniciativas das massas: multiplicação das associações, conselhos operários, autonomia dos sindicatos, controle efetivo das administrações locais, etc.

5. A Esquerda mundial deve retomar a reflexão sobre as discussões e as polêmicas acerca de como interpretar a negação do capitalismo, sobre as noções de revolução e de reforma. Quais são

as reformas que desmobilizam e as que dinamizam, unem as massas? Quais são as reformas que permanecem no limiar da compatibilidade com o sistema, exigem mudanças substanciais, e as que estabilizam o sistema?

6. Como redinamizar o patriotismo no contexto da mundialidade? Como afirmar os interesses nacionais que vão no sentido da instauração de uma nova ordem mundial?
  
7. A transição para regimes democráticos nos países do Leste vai permitir uma definição mais precisa dos valores autenticamente democráticos dos regimes ocidentais, e tornar patentes suas limitações e debilidades internas. Passamos, com efeito, de uma oposição global entre regimes democráticos e regimes autoritários à uma análise mais sutil das modalidades de funcionamento das variedades mais ou menos populares dos regimes democráticos. Existe, por exemplo, uma ligação orgânica entre os problemas das minorias nacionais, entre a discriminação racial, nos países do Leste, do Sul e do Oeste e as situações de carência social nos países mais industrializados e naqueles menos desenvolvidos no Sul e no Leste.

Como tornar real a liberdade de circulação de idéias, pessoas, bens, quando já não for mais o caso de denunciar, de forma unívoca, os atentados à liberdade nos regimes totalitários do Leste?

A Esquerda precisa retomar o exame das incidências acidentais, positivas e negativas, mundiais e nacionais da economia de mercado em uma nova fase de internacionalização. Como harmonizar economia de mercado e democracia autêntica, economia de mercado e desenvolvimento do indivíduo?

8. A Esquerda deve insistir com vigor na democratização da mídia, que se transformou em um dos componentes essenciais da estabilização do regime.

A Esquerda tem de mudar o centro de gravidade de suas atividades, ao menos no hemisfério Norte, no que diz respeito à nova classe média que agrupa operários altamente qualificados, quadros inferiores e médios, a grande massa de intelectuais que desempenham um papel cada vez mais importante na reprodução da economia, do social e do cultural.

A crise da Esquerda decorre antes de mais nada de sua incapacidade de se adaptar às mudanças que se realizam hoje no mundo, de analisar a fisiologia e a patologia do mundo contemporâneo, as clivagens entre as gerações, de entrever o novo que intervirá no movimento social e político nas décadas futuras. A Esquerda está dividida entre um passado que a história superou e as ambições pessoais de muitos de seus dirigentes, o individualismo de seus membros e simpatizantes.

A problemática do socialismo se decantará se a Esquerda chegar a oferecer respostas e soluções aos problemas aqui coloca-

dos. A partir dessas experiências poder-se-á indicar se o socialismo não passou de uma simples hipótese ou então se ele pode adquirir um foro de realidade cujos traços diferirão dos que até aqui foram delineados.

Estamos diante de uma época caracterizada pela cintilização de um prolongado pôr-de-sol do capitalismo histórico, ou pela emergência da tímida aurora do socialismo histórico?

### **À guisa de epílogo**

Após longas décadas de atividade intelectual e militante, devo endossar uma ruptura: o desmoronamento de um regime a cuja edificação e a cuja desintegração contribuí e o surgimento de outro que em mim suscita apreensões e esperanças.

Percorro uma região acidentada onde, ininterruptamente, meus olhares voltam-se e retornam para um crepúsculo que se estende no rumo de uma aurora que desponta. Simultaneamente, desaparecer e renascer. Os vínculos que me ligam a um passado do qual me distancio me desvinculam de um porvir que me atrai?

Estou diante de uma situação traumatizante. Identifiquei-me a uma visão do mundo, a um movimento para que a humanidade pudesse se liberar das hipocrisias, das baixezas, das mesquinhari-

as, da fragmentação do homem, impostas pela sociedade burguesa. Alimentava meus sonhos e exaltações no contato com acontecimentos que se desenvolveram a partir de 1936 (Front Populaire, Guerra da Espanha, Resistência antifascista...). E nos escritos de Baudelaire, Rimbaud, dos *Manuscritos de 1848* de Marx, das primeiras obras de Henri Lefebvre. Como pode o homem forjar seu destino individual no seio de uma comunidade que o encorajará material e moralmente? (Makarenko).

Devo inclinar-me diante da evidência: as alienações engendradas pelo sistema stalinista são mais repulsivas que as engendradas pelo sistema capitalista. No primeiro caso, tentávamos justificar o mal que estava por natureza de nosso lado para repelir e combater com maior eficácia o mal que nos cercava e se infiltrava em nós e em nosso meio. No mais das vezes, os dissimulávamos, os mascarávamos. No segundo, o mal correspondia à lógica natural do sistema. O desvelamento das realidades do socialismo stalinista incita a renegar a própria fé. O das realidades do capitalismo a manter a aspiração a mais justiça, mais humanismo, mais solidariedade.

É preciso habituar-se à idéia do dilaceramento interno: o avanço no rumo da emancipação das sociedades do Leste impõe, por enquanto, afastar os obstáculos que entravam o caminho que leva à democratização, a uma economia de mercado dominada pela lógica do Capital, afim de garantir as condições prévias da renovação da esquerda. Concentrar a reflexão e a ação na crítica das novas ilusões, dos novos mitos e dos novos ídolos.

A apreensão face à possibilidade de que a democracia seja utilizada para finalidades antidemocráticas não pode justificar o questionamento da necessidade de desmantelar o sistema staliniano.

Devo lutar dentro de mim, contra mim, para que o fracasso não me leve a interiorizar o vazio provisório da esquerda no espaço político húngaro. Estaria afundando o barco antes mesmo de lançá-lo à descoberta de um mundo novo, do novo mundo.

Não se deve procurar consolo buscando argumentos para demonstrar que a história não tem sentido, que os homens merecem ter sido expulsos do Paraíso por causa de sua ingratidão, do seu egoísmo e que, por isso mesmo, jamais ascenderão a nenhuma outra terra prometida. Não se deve admitir nenhuma variante do pecado original.

O militante decepcionado não deve recitar as lamentações proferidas por Job. Não deve se prosternar, mas se reaprumar, ainda que ressôe em nós intensamente o poema de Ady cujo título é *Imprecações de um poeta atual*:

*Mais humilhados que os humilhados  
E cada ação é um sonho crispado  
E cada sonho é uma ação crispada*

O mal, cuja presença no mundo é ainda tão pesada, deve nos espicaçar não para aceitar o mundo tal como ele é, mas para mudá-lo. Neste período de crise, de desilusão, em que tantas energias

se paralisam, em que se acumulam tantos pontos de interrogação, a humanidade precisa, mais do que nunca, do aguilhão da esquerda mundial contra tudo o que envilece o homem. A humanidade precisa do mel de seu humanismo.

Retomemos a bela idéia expressa pelo filósofo martiniquês René Mênil, que se aplica também à missão da esquerda renovada: “Em verdade, um homem só é grande pela grandeza daquilo que recusa”.

Como indica Paul Ricoeur num cativante estudo, o mal merece ser chamado um desafio.

“Um desafio, é cada vez um fracasso para as sínteses prematuras e uma provocação para pensar mais e diferentemente. Para a ação, o mal é antes de tudo o que não deveria ser, mas deve ser combatido(...). Devemos agir ética e politicamente contra o mal. O luto (perda do objeto de um amor como perda de nós mesmos) nos torna livres para novos investimentos afetivos”.<sup>11</sup>

Se a condição humana foi modelada no curso da hominização do homem, da sua pré-história, no curso do processo histórico pode ser remodelada pela convergência de todos os esforços no sentido de um desenvolvimento mais rico da condição humana, em todos os cantos do planeta.

---

<sup>11</sup> P. Ricoeur, *Le Mal, défi à la philosophie et à la théologie*, Genebra, Labor et fides, 1986, pp. 39-41.

*Imre Marton*

O distanciamento cada vez mais pronunciado do homem em relação à sua origem animal é a essência do progresso em direção a um socialismo que ainda é preciso inventar, a partir dos fracassos e dos sucessos parciais, da sucessão dos avanços e dos retrocessos. É preciso aprender a pensar mais e, por outro lado, a relacionar de forma mais harmoniosa a política e a moral, o progresso científico e o progresso social e humano.

Imre Marton

fim de abril de 1990

NOME: \_\_\_\_\_

Name: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

Address: \_\_\_\_\_

RECEBEMOS: \_\_\_\_\_

We have received: \_\_\_\_\_

FALTA-NOS: \_\_\_\_\_

We are lacking: \_\_\_\_\_

ENVIAMOS EM PERMUTA: \_\_\_\_\_

We are sending in exchange: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_

Date: \_\_\_\_\_

ASSINATURA: \_\_\_\_\_

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA REMESSA**  
Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not wanted.

À  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH  
**SETOR DE PUBLICAÇÕES**  
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"  
Caixa Postal 6.110  
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (019) 788.8342  
Telex: (019) 1150 - Telefax (019) 239.3327